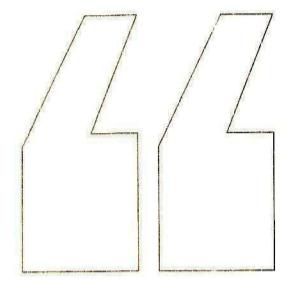




# 'Lula defendeu quem não teve sigilo violado'

Candidata verde diz que houve 'banalização do dolo' no episódio da Receita Federal e afirma que adversários ficam reféns de alianças fisiológicas



**Se ganhar, quero ganhar ganhando. Se perder, quero perder ganhando.**

**Porque tem muita gente que ganha perdendo; essas alianças incoerentes que têm aí, é ganhar perdendo; ganha perdendo; mas continua refém do fisiologismo, ou do PMDB ou dos Democratas**

**Estamos num dilema. A eleição resvalando para o vale-tudo**

**Lamentavelmente, (a manifestação do presidente veio) na forma da defesa da sua candidata e não dos milhares de brasileiros que tiveram seus sigilos fiscais quebrados.**

**A funcionária que violou o sigilo de mais de duas mil pessoas é uma funcionária emprestada, terceirizada, geneticamente modificada na Receita Federal**

**A Dilma e o Serra são muito parecidos. Na visão de mundo, no estilo pessoal, gerencial**

**Acho que a minha concorrente quase está aposentando o cidadão porque acha que basta o seu anfitrião. Quero tirar o eleitor do anonimato**

**ANCÉLIO GOIS:** Essa pergunta eu fiz aqui no auditório, em 2002, para os candidatos Lula, Serra... Fiz também em 2006. Vou repetir a pergunta até o que achar que pouco ou nada foi feito o que fazer para diminuir a violência nas ruas das cidades do Brasil, concretamente?

**MARINA:** O problema da violência é grave, e não está dissociado de outras formas de violência, que é a falta de oportunidade, de vida digna. Existe uma violência real que é termos, pratica nente, uma pessoa armada em cada esquina, afrouxando a sociedade, confrontando a vida, o estado democrático de direito. Precisamos, além de aumentar investimentos, no treinamento continuado para policiais, da remuneração adequada para que eles parem de fazer o trabalho no Estado um bico, fazer uma reforma da segurança pública. E com essa reforma, a gente poder, cada vez mais, fazer um trabalho conjunto de repressão ao crime organizado, ao tráfico de drogas, ao tráfico de armas. Trabalhar com inteligência para que a gente possa dar uma resposta a esse grave problema. Sem negligenciar políticas que integram esse mosaico de ações para o combate à violência, que é termos um trabalho com militares como vem sendo feito aí com as UPPs. Só que essa pequena experiência no Rio está sendo sufocada porque a base é tão imperfeita. Combater violência é política integrada, mas é acabar com o foco, a certeza de impunidade. O que gera a reincidência do crime é impunidade. Nisso o Estado brasileiro está falhando. É uma ação que tem que ser do governo federal, dos estados e da sociedade.

**NOBLAT:** Por que, quando diz "essas pessoas", não diz "Lula", "Dilma" ...?

**MARINA:** As pessoas que eu digo podem ser o presidente, o ministro. O ministro banalizou da pior forma possível.

•

**NOBLAT:** A senhora tentou bater só no ministro. Eu notei, na semana passada

**CANDIDATO:** Devemos cobrar de Cesar o que é de Cesar. Se você tem um ministro responsável por uma pasta, em primeiro lugar, você cobra dele. O secretário da Receita já provou que é incompetente. A corrupção do ministro demorou para ele vir a público, e dizer que é normal, corriqueiro. Aí veio a manifestação do presidente da República. Lamentavelmente, na forma da defesa da sua candidata, e não dos milhares de brasileiros que tiveram seus sigilos fiscais quebrados. Quero fazer desse debate uma discussão séria. Há uma forma equivocada de lidar com a gestão pública. O que diz a Constituição? Que devemos tratar a gestão pública pelo critério da imparcialidade, da probidade, da transparência da constitucionalidade. E a gente vê isso sendo desvirtuado em todo tempo. A sociedade brasileira está se sentindo desamparada. No primeiro momento foi o susto, indignação. E, agora, (o sentimento) é de impotência. Porque o secretário, o ministro e o presidente da República esqueceram que temos duas mil pessoas com sigilo violado, e ele saiu na defesa de quem não teve o sigilo violado. E meu susto maior ainda: quando acontecem essas coisas, em vez de a gente discutir o que interessa, você rotula as pessoas. Quem faz a crítica é contra o Brasil. Quem faz a crítica é porque é machista. É algo que não edifica a democracia. A banalização do dolo leva as pessoas a não se importarem mais. Vão continuar (quebrando) sigilos porque agora eles estão respaldados.

•

**MIRIAM LEITÃO:** Durante seu período no Ministério do Meio Ambiente, a senhora enfrentou oposição a suas ideias e objetivos, tanto no Ministério de Minas e Energia quanto na Casa Civil, quando o título era a candidata Dilma Rousseff. A senhora acha que as decisões da candidata Dilma Rousseff em projetos como a usina de Belo Monte representaram um risco ao meio ambiente?

**MARINA:** Vou saber que não. Aconteceu uma coisa fantástica neste país chamada Ficha Limpa. Você sabia que o Ficha Limpa já tirou boa parte dos mesmos de sempre? Levaramos mais seis lá quantos anos para retirar determinadas figuras da política brasileira porque, pelo visto, elas iriam voltar indefinidamente, com a ilusão de que estavam sendo absolvidas, ungidas, sacramentados pelo voto popular. O Ficha Limpa já tirou uma parte. (...) Você sabe o que a fazer se não é sua candidata à Presidência? Eu já tinha decidido: irá passar as eleições fazendo a campanha de candidatos comprometidos com a sustentabilidade da ética na política, de todos os partidos.

•

**RICARDO NOBLAT:** A senhora diria que este governo, ao qual a senhora serviu em certo momento, foi talvez o que tenha promovido maior aparelhamento do Estado, ou está dentro dos padrões normais dos governos anteriores?

**MARINA:** Achou inadequado a história do Estado máximo, do Estado mínimo. Trabalho com a ideia do Estado necessário. Se formos ver, proporcionalmente, nos estados, duvido se a gente vai encontrar uma realidade diferente. Vamos discutir, cada um no seu quadro, o que precisa ser feito para que este Estado seja transparente, eficiente, profissionalizado. É isso que a gente precisa. Fazer a competição pelo caminho de cima e não pelo de baixo. A competição pelo caminho de cima: a indicação dos cargos deve ter critérios ético, técnico e político. A competição pelo caminho de baixo: é o critério político, independente da ética, independente da técnica. Isso tem que acabar. Um Estado transparente, eficiente, não aparelhado, profissionalizado. Não é Estado do provedor, nem fiscalizador, como querem. É o Estado mobilizador. O Estado que é capaz de mobilizar a inventividade, a criatividade da iniciativa privada, da academia e da sociedade. Esse Estado precisa acontecer no Brasil. Estamos vivendo uma situação terrível. Por quê? A gente está vivendo uma certa prosperidade econômica, alguns avanços sociais. E, na política, o retrocesso. Olha que coisa contraditória: e o que acontece quando um país comece a progredir um pouco economicamente, socialmente, e retroceder na política? As pessoas começam a infantilizar a sociedade. Olha o que está acontecendo. Agora temos um Estado-pai, um Estado-mãe, Estado-tio, Estado-avô. E o que isso faz é que a sociedade brasileira avança? A gente tem que acabar com essa visão mediocre da política. Estamos diante de um nazismo político em pleno século XX, em 2010. E por que isso aconteceu? Por isso, me coloquei para mostrar que o meio ambiente não é a disputa do verde pelo verde. É com o criar novas oportunidades de negócios, novos produtos, novos materiais, nova fase de conhecimento, produzir mais com menos recursos naturais. É fazer a competição pelo caminho de cima. Agora, pra isso, preciso de uma visão estratégica. E as pessoas estão querendo discutir quem é o melhor gerente para o Brasil. Não é isso que vai acontecer com a gente sair desse atroso.

•

**MIRIAM:** A senhora disse que, amanhã, nenhum dos dois candidatos tem uma visão atualizada de questão, então, posso concluir que a eleição de qualquer um dos dois representa um risco ao meio ambiente, a essa visão de desenvolvimento sustentável?

**MARINA:** Representa o risco de não se fazer a transição. Representa o risco de não colocar essa questão como estratégia central num país como o Brasil. Representa o risco de sermos, em pleno século XXI, o país do século XX, que será um grande atraso, como disse Sérgio Abrantes da díssima num artigo que escreveu. Concordo inteiramente. Lamentavelmente, o Brasil, que ainda não tem as melhores condições para dar esse passo, não tem um pensamento estratégico para fazer isso. Por isso, me coloquei para mostrar que o meio ambiente não é a disputa do verde pelo verde. É com o criar novas oportunidades de negócios, novos produtos, novos materiais, nova fase de conhecimento, produzir mais com menos recursos naturais. É fazer a competição pelo caminho de cima. Agora, pra isso, preciso de uma visão estratégica. E as pessoas estão querendo discutir quem é o melhor gerente para o Brasil. Não é isso que vai acontecer com a gente sair desse atroso.

•

**ILIMAR FRANCO:** Como a senhora, de um partido pequeno, como o PV, pretende fazer a relação do Executivo com o Congresso? Como pretende obter a maioria

parlamentar para aprovar suas medidas, sem ter base partidária expressiva?

**MARINA:** Estamos diante de um paradoxo. Os partidos que dizem ter base de sustentação, um leque de alianças, ficaram 16 anos e não fizeram. E não fizeram, exatamente, por causa dessas alianças. Paradoxalmente, eu, que não estou nesse leque de alianças, talvez seja a que retém melhores condições de fazer porque estou dizendo que estou querendo me juntar com os melhores do PT, do PSDB, do PMDB, e tenho a visão de que reformas precisam ser feitas. Enquanto os braceletes deles estiverem algemados pela velha política de 500 anos, na qual o que vale é o fisiologismo, é o quem dá mais pontos na proxima eleição... Estou apostando no que chamo de realinhamento histórico, onde inclui o que é estratégico para o Brasil e os brasileiros, para que a gente possa, em cima de uma visão programática, envolver as pessoas para sair deste lugar comum. Tenho dito que o caminho pode ser uma constituição exclusiva. Não sei se é possível. Estou buscando pelo menos uma nova maneira de caminhar. Não dá para continuar acreditando que, com as mesmas alianças, com os mesmos, vão fazer o que não fizeram em quatro anos, depois seguiram mais quatro e, agora, estão pedindo mais quatro.

•

**ILIMAR FRANCO:** Os políticos que vão se eleger são os de sempre. Como pretende embutir nessas mentes acostumadas com as mesmas práticas esse novo jeito de pensar a política? Por que eles farão isso?

**MARINA:** Vou saber que não. Aconteceu uma coisa fantástica neste país chamada Ficha Limpa. Você sabia que o Ficha Limpa já tirou boa parte das mesmas de sempre? Levaramos mais seis lá quantos anos para retirar determinadas figuras da política brasileira porque, pelo visto, elas iriam voltar indefinidamente, com a ilusão de que estavam sendo absolvidas, ungidas, sacramentados pelo voto popular. O Ficha Limpa já tirou uma parte. (...) Você sabe o que a fazer se não é sua candidata à Presidência? Eu já tinha decidido: irá passar as eleições fazendo a campanha de candidatos comprometidos com a sustentabilidade da ética na política, de todos os partidos.

•

**RICARDO NOBLAT:** A senhora diria que este governo, terá de derrubar o ministro da Fazenda ou o chefe da Receita?

**MARINA:** Se eu fosse presidente, as investigações seriam rigorosas. Os culpados seriam responsabilizados. Não teria usado como desculpa para dizer se é ou não é questão política. Se fosse política, era grave. Se não fosse política, era gravíssimo, porque há descontrole total. Deve trabalhar transformar os funcionários da Receita em carreira típica de Estado. A gente descobre que a funcionalária que violou o sigilo de mais de duas mil pessoas é empregada, terceirizada, geneticamente modificada na Receita para fazer o que fez.

•

**NOBLAT:** Se a senhora fosse presidente da República, teria derrubado o ministro da Fazenda ou o chefe da Receita?

**MARINA:** Se eu fosse presidente, as investigações seriam rigorosas. Os culpados seriam responsabilizados. Não teria usado como desculpa para dizer se é ou não é questão política. Se fosse política, era grave. Se não fosse política, era gravíssimo, porque há descontrole total. Deve trabalhar transformar os funcionários da Receita em carreira típica de Estado. A gente descobre que a funcionalária que violou o sigilo de mais de duas mil pessoas é empregada, terceirizada, geneticamente modificada na Receita para fazer o que fez.

•

**MARINA:** Achou inadequado a história do Estado máximo, do Estado mínimo. Trabalho com a ideia do Estado necessário. Se formos ver, proporcionalmente, nos estados, duvido se a gente vai encontrar uma realidade diferente. Vamos discutir, cada um no seu quadro, o que precisa ser feito para que este Estado seja transparente, eficiente, profissionalizado. É isso que a gente precisa. Fazer a competição pelo caminho de cima e não pelo de baixo. A competição pelo caminho de cima: a indicação dos cargos deve ter critérios ético, técnico e político. A competição pelo caminho de baixo: é o critério político, independente da ética, independente da técnica. Isso tem que acabar. Um Estado transparente, eficiente, não aparelhado, profissionalizado. Não é Estado do provedor, nem fiscalizador, como querem. É o Estado mobilizador. O Estado que é capaz de mobilizar a inventividade, a criatividade da iniciativa privada, da academia e da sociedade. Esse Estado precisa acontecer no Brasil. Estamos vivendo uma situação terrível. Por quê? A gente está vivendo uma certa prosperidade econômica, alguns avanços sociais. E, na política, o retrocesso. Olha que coisa contraditória: e o que acontece quando um país comece a progredir um pouco economicamente, socialmente, e retroceder na política? As pessoas começam a infantilizar a sociedade. Olha o que está acontecendo. Agora temos um Estado-pai, um Estado-mãe, Estado-tio, Estado-avô. E o que isso faz é que a sociedade brasileira avança? A gente tem que acabar com essa visão mediocre da política. Estamos diante de um nazismo político em pleno século XXI, em 2010. E por que isso aconteceu? Por isso, me coloquei para mostrar que o meio ambiente não é a disputa do verde pelo verde. É com o criar novas oportunidades de negócios, novos produtos, novos materiais, nova fase de conhecimento, produzir mais com menos recursos naturais. É fazer a competição pelo caminho de cima. Agora, pra isso, preciso de uma visão estratégica. E as pessoas estão querendo discutir quem é o melhor gerente para o Brasil. Não é isso que vai acontecer com a gente sair desse atroso.

•

**ILIMAR FRANCO:** Como a senhora, de um partido pequeno, como o PV, pretende fazer a relação do Executivo com o Congresso? Como pretende obter a maioria

de estar aqui. Agora eu saí lá do sertão Bagacá, analfabeta até os 16 anos, ter passado pelo Moberal, supletivo de primeiro e segundo graus, chegar a essa condição de ser candidata a presidente, ficar discutindo o que não interessa para o Brasil, quando sei que existem políticas, medidas para que este país faça uma revolução na educação. Estamos perdendo os melhores postos de trabalho no Brasil para a falta de investimentos na educação. (...) Insisto: o Brasil não precisa de gerentes. Precisa de quem tem visão estratégica. Toda vez que digo isso, sinto que me deixam feliz de termos duas mulheres competentes concorrentes à Presidência, e, obviamente, venho de uma trajetória de uma pessoa que teve que, em tudo, se fazer por si mesma. Esse 10% que tenho é um esforço de construção desse país. Enquanto acho que a minha concorrente quase que está aposentando o cidadão, que ela acha que basta o seu anfitrião, a sua apresentação, estou dizendo que é preciso convencer o governo Lula, ou a senhora acha que a sociedade brasileira não tem capacidade de entender a importância do meio ambiente para o seu futuro?

**MARINA:** O governador Blairo Maggi perdeu uma dupla oportunidade, como empresário, de liderar um processo de vanguarda, integrando o meio ambiente às ações das empresas, ao agronegócio no Mato Grosso, e como governador do estado. Quando eu era ministra do Meio Ambiente, fizemos uma das maiores operações de combate ao desmatamento em conjunto com a Polícia Federal, a Operação Carneirinho. Foram presos o secretário de Meio Ambiente e centenas de pessoas. Um mês depois, sentei com o governador e tratamos de uma agenda positiva para tirar o Mato Grosso da situação de vexame. Estava muito animada com a possível conversa. Em 2007, o desmatamento só continuou.

**MARINA:** Achou inadequado a história do Estado máximo, do Estado mínimo. Trabalho com a ideia do Estado necessário. Se formos ver, proporcionalmente, nos estados, duvido se a gente vai encontrar uma realidade diferente. Vamos discutir, cada um no seu quadro, o que precisa ser feito para que este Estado seja transparente, eficiente, profissionalizado. É isso que a gente precisa. Fazer a competição pelo caminho de cima e não pelo de baixo. A competição pelo caminho de cima: a indicação dos cargos deve ter critérios ético, técnico e político. A competição pelo caminho de baixo: é o critério político, independente da ética, independente da técnica. Isso tem que acabar. Um Estado transparente, eficiente, não aparelhado, profissionalizado. Não é Estado do provedor, nem fiscalizador, como querem. É o Estado mobilizador. O Estado que é capaz de mobilizar a inventividade, a criatividade da iniciativa privada, da academia e da sociedade. Esse Estado precisa acontecer no Brasil. Estamos vivendo uma situação terrível. Por quê? A gente está vivendo uma certa prosperidade econômica, alguns avanços sociais. E, na política, o retrocesso. Olha que coisa contraditória: e o que acontece quando um país comece a progredir um pouco economicamente, socialmente, e retroceder na política? As pessoas começam a infantilizar a sociedade. Olha o que está acontecendo. Agora temos um Estado-pai, um Estado-mãe, Estado-tio, Estado-avô. E o que isso faz é que a sociedade brasileira avança? A gente tem que acabar com essa visão mediocre da política. Estamos diante de um nazismo político em pleno século XXI, em 2010. E por que isso aconteceu? Por isso, me coloquei para mostrar que o meio ambiente não é a disputa do verde pelo verde. É com o criar novas oportunidades de negócios, novos produtos, novos materiais, nova fase de conhecimento, produzir mais com menos recursos naturais. É fazer a competição pelo caminho de cima. Agora, pra isso, preciso de uma visão estratégica. E as pessoas estão querendo discutir quem é o melhor gerente para o Brasil. Não é isso que vai acontecer com a gente sair desse atroso.

•

**ELIO GASPARI:** A senhora defende a convocação de uma miniconstituinte. O que acha da proposta defendida pela candidata Dilma Rousseff para adotar o voto da lista, pelo qual o eleitor não poderá mais escolher nominalmente um candidato a deputado em sua preferência?

**MARINA:** Eu diria até a última pesquista. Não sabemos o que virá na próxima. Estou muito feliz com esses 10% até agora, representa 13 milhões, 14 milhões de votos, de pessoas que estão acreditando nesse projeto, dessa nova maneira de fazer política. Uma coisa já conseguimos, quebrar o plebiscito, estou aqui debatendo o que interessa para o Brasil. Uma coisa já conseguimos: fazer com que se discutam programas. Os candidatos não têm nem mesmo se preparado para programa. Um registrou várias versões, a ministra Dilma. O outro pegou um discurso e colocou como programa, com diretrizes claras para saúde, educação, segurança, infraestrutura. E pautamos a educação como prioridade, a questão do desenvolvimento sustentável com uma prioridade. (...) Insisto: o Brasil não precisa de gerentes. Precisa de quem tem visão estratégica. Toda vez que digo isso, sinto que me deixam feliz de termos duas mulheres competentes concorrentes à Presidência, e, obviamente, venho de uma trajetória de uma pessoa que teve que, em tudo, se fazer por si mesma. Esse 10% que tenho é um esforço de construção desse país. Enquanto acho que a minha concorrente quase que está aposentando o cidadão, que ela acha que basta o seu anfitrião, a sua apresentação, estou dizendo que é preciso convencer o governo Lula, ou a senhora acha que a sociedade brasileira não tem capacidade de entender a importância do meio ambiente para o seu futuro?

•

**MARINA:** Achou inadequado a história do Estado máximo, do Estado mínimo. Trabalho com a ideia do Estado necessário. Se formos ver, proporcionalmente, nos estados, duvido se a gente vai encontrar uma realidade diferente. Vamos discutir, cada um no seu quadro, o que precisa ser feito para que este Estado seja transparente, eficiente, profissionalizado. É isso que a gente precisa. Fazer a competição pelo caminho de cima e não pelo de baixo. A competição pelo caminho de cima: a indicação dos cargos deve ter critérios ético, técnico e político. A competição pelo caminho de baixo: é o critério político, independente da ética, independente da técnica. Isso tem que acabar. Um Estado transparente, eficiente, não aparelhado, profissionalizado. Não é Estado do provedor, nem fiscalizador, como querem. É o Estado mobilizador. O Estado que é capaz de mobilizar a inventividade, a criatividade da iniciativa privada, da academia e da sociedade. Esse Estado precisa acontecer no Brasil. Estamos vivendo uma situação terrível. Por quê? A gente está vivendo uma certa prosperidade econômica, alguns avanços sociais. E, na política